

A LÍNGUA É O MUNDO:
FLUSSER, LEITOR DE ROSA

Rafael Alonso

1.

A relação entre a teoria da língua de Vilém Flusser (1920-1991) e a literatura de João Guimarães Rosa (1908-1967) é estreita. Rosa foi um dos notáveis que frequentou o famoso terraço de Flusser, na Rua Salvador Mendonça, em São Paulo. Não é nenhum exagero afirmar que os dois eram amigos. Como também não é exagero afirmar que houve contribuição recíproca na articulação do pensamento de ambos. É certo que Flusser começou a redigir o seu primeiro livro, *A História do Diabo*, que publicaria em 1965, na metade da década de 1950, exatamente quando vieram a público *Corpo de Baile* (1956) e, principalmente, *Grande Sertão: Veredas* (1956) – *Sagarana*, de 1946, já completava uma década. Ele admite, na introdução ao seu “Diabo”, que escrevera o livro “sob o impacto de Rosa”¹. Em texto autobiográfico publicado numa coletânea brasileira, Flusser assume que Rosa confirmava as suas teorias sobre a língua:

No entanto, não pode ser mera coincidência o fato de eu reconhecer em Guimarães Rosa todo o meu engajamento linguístico em nível grandioso: *Sagarana* e *Corpo de Baile* e, mais especialmente, *Grande Sertão: Veredas* são como que demonstrações *in fieri* das minhas teses em *Língua e Realidade*. O diálogo intermitente que mantive com Guimarães Rosa até à sua morte dava-se como que em terreno de sonho. Era preciso beliscar-me para saber que Guimarães Rosa não era ficção de minha fantasia e que ele existia em realidade diferente da de Riobaldo. A religiosidade linguística Roseana, seu fanatismo do falar e do escrever, sua atitude lúdica no manejo de vogais e palavras, sua ironia e seu humor (veja-se *Primeiras Estórias*, sobre as quais nutro a esperança de ter tido influência mais que periférica), aliados à sua disciplina férrea, são, em seu conjunto, a imagem que eu fazia do Verdadeiro Poeta. Entretanto, Guimarães Rosa existia em carne e osso! Nada mais direi a seu respeito, a não ser que, para mim, passou de revelação a imperativo².

É provável que o contato entre eles tenha se iniciado na metade da década de 1950. O diálogo era mesmo intermitente, já que Rosa morava no Rio de Janeiro, e Flusser, em São Paulo. No entanto, o segundo não achava essa inconstância de todo ruim, pois a relação “com um espírito tão ardente e tão potente é possível apenas com intervalos”. Para Flusser, Rosa invocava impiedosamente o núcleo da honestidade: “A

¹ Vilém Flusser. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 19.

² Vilém Flusser. “Em busca de significado”. In: Stanislavs Ludusans (org.). *Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos. Volume 1*. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 501-502.

grandeza de sua luta pela salvação mobiliza no interlocutor todas as forças de defesa. E a estrutura da sua mente é um desafio terrível. Não hesito em considerá-lo um dos grandes da atualidade”³.

*Língua e Realidade*⁴, de 1963, seu primeiro livro publicado, é mesmo um ensaio teórico sobre a língua, e sobre Rosa. Não exatamente um esforço de Flusser para “ler” Rosa, mas para degluti-lo. O poeta foi um leitor entusiasmado do livro, como Flusser testemunha em sua autobiografia filosófica, *Bodenlos*, no capítulo que dedica ao autor de *Grande Sertão*: “A gente tinha publicado um livro, *Língua e Realidade*, que teve pelo menos um leitor comovido até o fundo: Rosa”⁵. Mas também *Primeiras Estórias*, de 1962, é uma obra sobre a qual Flusser realmente exerceu influência direta, bastando tomar, como exemplo, os contos “O espelho” e “Nada e a nossa condição”, filosóficos e metodologicamente flusserianos. A dedicatória de Rosa à edição que consta na biblioteca de viagem de Flusser, no Vilém Flusser Archiv, em Berlim, reforça este argumento: “Para Dona Edith – e ao meu Amigo Villem Flusser, que comanda o demônio e a “LÍNGUA”, como inventores do mundo-do-homem –, com grata admiração viva, cordial homenagem do Guimarães Rosa. Rio, 1964”.

Os grifos nas palavras língua e demônio nesta dedicatória manuscrita à caneta azul deixam claro que o diálogo pendia entre a língua e o diabo. Se Flusser assumidamente escreve *A História do Diabo* extasiado com o romance no qual o protagonista supostamente fazia um pacto com o “demo”, é possível acrescentar, sem medo de errar, que *Língua e Realidade* e *Primeiras Estórias* são os resultados mais imediatos de uma proveitosa conversa.

A parceria rendeu ainda outros frutos. No começo da década de 1960, Flusser encarregou-se da direção da seção literária d’*O Estado de São Paulo*, em razão da efetiva interlocução com Décio de Almeida Prado. É neste jornal que Rosa, a pedido do amigo, publica pela primeira vez dois de seus mais conhecidos contos, acompanhados de ensaios críticos de Flusser: em 8 de fevereiro de 1964 são publicados, lado a lado, “As garças” e “Da flauta de Pã”, e, duas semanas depois, em 22 de fevereiro, aparecem, na mesma página, “Fita verde (nova velha história)” e “Da navalha de Occam”. “As garças” também consta no número 1 de *Cavalo Azul*, mesmo volume em que Flusser publica os primeiros capítulos de *Até a terceira e quarta gerações*⁶. Os dois contos de Rosa seriam depois incluídos em *Ave, Palavra*, de 1970: “Rosa escreveu

³ Vilém Flusser. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 30.

⁴ Vilém Flusser. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

⁵ Vilém Flusser. “João Guimarães Rosa”. In: Vilém Flusser. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 133. Flusser redige sua autobiografia quando retorna à Europa, no começo dos anos 1970. No entanto, a obra só seria publicada postumamente, em 1992, e inicialmente em alemão.

⁶ *Até a terceira e quarta gerações* é o livro mais extenso de Flusser, redigido nos anos 1960, e que permaneceu inédito até 2017, quando foi publicado pela editora É Realizações, sob o título de *O Último Juízo: Gerações*.

duas estórias para a gente e publicadas no Suplemento Literário do Estado de São Paulo com comentários da gente. Uma delas, “As Garças”, era de perfeição convincente”⁷.

Flusser, cujo *Língua e Realidade* havia suscitado certo rebuliço na crítica literária brasileira, com comentários elogiosos de Paulo Rónai⁸, Leônidas Hegenberg⁹ e Lívio Xavier¹⁰, e críticas ferozes de Anatol Rosenfeld¹¹ e Oswaldino Ribeiro Marques¹², desejava estender a colaboração com Rosa e publicar em jornal os contos daquele que, era questão de tempo, iria se transformar em cânone da literatura nacional. Flusser, que não era ingênuo, viu em Rosa uma oportunidade para se afirmar no diálogo intelectual brasileiro. Em carta de 18 de janeiro de 1964, ele fazia votos para que a parceria se prolongasse: “O dr. Décio está entusiasmado por esta experiência e confesso que também o sou. Sinto-me como Kerenyi em miniatura a prestar um serviço, embora subalterno, ao Thomas Mann da literatura brasileira. Se a experiência lhe agradar, por que não persistir nela?”¹³. Depois de ler as duas edições do *Suplemento Literário*, Rosa responde, em telegrama não datado: “MARAVILHADO EMOCIONADO ENTUSIASMADO PODEROSOS ARTIGOS ABRASSOS GRATO GRANDE AMIGO GUIMARÃES ROSA”¹⁴.

2.

Em *A História do Diabo*, Flusser afirma que o diabo é o tempo. É o diabo que rompe o *continuum* do tempo edênico. Conhecer é diabólico porque é tentativa de reter o fluxo de um rio que não cessa. O diabo rompe o tempo paradisíaco e abre a história. Ele permite o conhecimento. A história, a partir de agora, pode começar: em qualquer tempo e em qualquer lugar. A história pode avançar e pode retroceder. Mas a história não pode ser interrompida. Se conhecer é refletir, no presente, sobre algo que passou, todo gesto de conhecimento deveria se assumir, de partida, como literatura: reflexão sobre a temporalidade.

Conhecer é diabólico porque implica a desistência da apreensão do mundo concreto. O dado bruto é inapreensível. Ele é uma força, um chamado, um vir-a-ser. Para Flusser, uma palavra em potencial. A vida é um fluxo que desagua no nada e, para fazer sentido, precisa ser articulada. O desafio daquele que conhece é conseguir elaborar modelos que se afastem ao mínimo deste fluxo, ou conseguir, mesmo que por alguns instantes, fazer refluir este fluxo. E fazer refluir o fluxo, pentear a história a contrapelo, não é necessariamente parar o fluxo do tempo, mas construir rotas alternativas que obriguem o fluxo a desviar

⁷ Idem, p. 139.

⁸ Paulo Rónai. “Língua e Realidade”. In: *O Estado de São Paulo*, 13 de abril de 1965.

⁹ Leônidas Hegenberg. “A propósito de “Língua e Realidade””. In: *O Estado de São Paulo*, 12 de junho de 1965.

¹⁰ Lívio Xavier. “Um estudo do significado ontológico da língua (Revista Brasileira de Filosofia)”. In: *O Estado de São Paulo*, 28 de julho de 1962.

¹¹ Anatol Rosenfeld. “Resenha bibliográfica”. In: *O Estado de São Paulo*, 6 de junho de 1964.

¹² Oswaldino Ribeiro Marques. “Introdução à semântica”, de Adam Schaff”. In: *O Estado de São Paulo*, 23 de novembro de 1968.

¹³ Carta de Vilém Flusser a Guimarães Rosa, de 28 de janeiro de 1964. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

¹⁴ Telegrama de Guimarães Rosa a Vilém Flusser. Sem data (Possivelmente 1964). Inédito. Vilém Flusser Archiv.

na direção do nada. Conhecer não é criar barragens ou procurar pela nascente, mas buscar caminhos afluentes:

Na introdução a este livro sugerimos a identidade entre tempo e diabo. É ele o próprio princípio da modificação, do progresso, da fenomenalização portanto. É o princípio da transformação de realidade em irrealidade. É o que Guimarães Rosa tem em mente ao dizer que o diabo não existe. A correnteza do tempo dentro do qual o Senhor mergulha pedaços do ser ao criar “céus e terra” é o próprio diabo¹⁵.

A fenomenalização do mundo é a prova direta de que fenômenos não existem. O que significa dizer, por exemplo, que estudo um determinado fenômeno? Fenômenos não merecem ser estudados porque estão no mundo. Fenômenos são produzidos e, por isso, conferem sentido ao mundo:

Toda obra de GR é, no fundo, uma luta desesperada entre uma teoria especulativa e religiosa otimista, constantemente desautenticada pela sensibilidade poética que revela o diabo, mesmo quando a teoria parece fazer concessões à experiência diabólica, como em *Fita Verde*. No fundo GR é um São Jorge que não consegue matar o dragão, porque o dragão tem mil línguas e GR está fascinado por cada uma dessas línguas¹⁶.

O diabo é uma sensibilidade poética. Para Flusser, contemplar o não-ser, estar no nada, era possuir “o poder vertiginoso de arrastar todas as veredas para este centro sem fundo”¹⁷. As veredas se bifurcam no redemoinho. O centro sempre estará vazio. É preciso, portanto, forjar uma teologia diabólica, ou talvez o que Georges Bataille chama de “Suma Ateológica”, uma espécie de culto ao vazio, uma ode à potência da palavra, um mito fundado no rito, e não no transcendente, um logos estruturado no mito¹⁸. Este, para Flusser, foi o mérito de Rosa, como também o de Kafka, Joyce, Proust, etc. No espírito daquele que deseja conhecer, o espanto com o nada deve sobrepujar a vontade de eliminá-lo:

Pela língua, pelas palavras, pelo logos, provocamos o abismo, mas é preciso provocá-lo para poder transpô-lo num salto, num “Ursprung”¹⁹. E neste sentido, obscuro e misterioso, é a filologia de GR uma teologia. (...) Para mim GR é um dos poucos, como Rilke e Kafka, como Proust e Joyce, que são “Dichter in

¹⁵ Vilém Flusser. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 33.

¹⁶ Vilém Flusser. “O mito em Guimarães Rosa”, sem data. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Esse é o tema das cartas trocadas entre Flusser e Heloisa Vilhena de Araújo, leitora e crítica de Guimarães Rosa. Depois de ler o artigo de Heloisa, “Encontrar Guimarães Rosa”, Flusser comenta o trabalho em carta de 15 de março de 1973; Heloisa responde em 28 de março. Ambos estavam interessados, tendo Rosa como pano de fundo, na relação entre o mito e o logos, na possibilidade de pensar uma lógica multivalente, uma mitologia. Carta de Vilém Flusser a Heloisa Vilhena de Araújo, de 15 de março de 1973. Inédito. Vilém Flusser Archiv. Carta de Heloisa Vilhena de Araújo a Vilém Flusser, de 28 de março de 1973. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

¹⁹ Há um poema de Jean-Luc Nancy, “Sprung”, em que o salto está articulado em correlação com a origem. Ver: Jean-Luc Nancy. “Sprung”. In: Jean-Luc Nancy. *Demanda: Literatura e Filosofia*. Trad.: João Camilo Penna. Florianópolis: UFSC; Chapecó: Argos, 2016, p. 349-351.

duerftiger Zeit”, poetas em tempo de carência, em tempo diabólico, portanto aquilo que necessitamos²⁰.

3.

Em “A morte de Guimarães Rosa”²¹, Flusser confessa que as últimas conversas com o amigo giraram ao redor do tema da imortalidade. Havia, segundo a interpretação flusseriana de Rosa, duas formas de imortalidade: a para si e a para os outros. Se desejo me immortalizar no isolamento, devo deixar os outros de lado e me concentrar na relação com o nada fundante. Se desejo me immortalizar nos outros, devo produzir obras. Ocorre que surge um impasse nesta dupla chave da imortalidade: se me fecho, perco os outros, e se saio em busca dos outros, me perco:

É dessa prontidão que surgirão os seus livros, como testemunhas do inteiramente diferente do homem. Os ruídos que ele introduziu no pensamento são o sussurrar da voz que vem da voz, de lá aonde se dá aquela outra imortalidade. Ele abre para nós, por seus livros, janelas para o inefável – com efeito, ele é, para nós, uma janela para o inefável. Por ser imortal para nós, ele nos abre uma visão daquela outra imortalidade²².

Rosa não se immortaliza com o outro. Ele permite ao outro que encare o indizível e, assim, torne a imortalidade palpável. A literatura de Guimarães Rosa é uma tentativa de brincar com o diabo sem abrir mão de Deus. É uma prece que deseja ser escutada pelo outro. É uma oração, no sentido em que uma frase articulada numa dada língua também pode ser chamada de oração. Flusser afirma, em diversos ensaios, que é da introspecção mais verdadeira no privado que pode brotar a publicação mais autêntica. Rosa queria se aproximar da língua diabólica e divinamente. Queria deixar a língua soar os seus múltiplos sentidos naturalmente, mas também queria lhe impor sentidos possíveis.

Em “O Iapa de Guimarães Rosa”, publicado em 14 de dezembro de 1963, no *Estadão*, reputado por Flusser como a sua primeira tentativa concreta de articular Rosa, ele coloca o amigo na terceira margem. Os braços do rio português, em sua opinião, convergiam, à direita, para os campos gerais do pseudoprimitivismo, e à esquerda, para a Serra do Preciosismo. O trabalho de Rosa era dialético, ou melhor, era uma “diadoração” entre deus e o diabo – o sertão e a biblioteca, Cícero e Camões, a natureza bruta dos elementos índios e bantus e o minueto narcisista dos estudos gramaticais e das retóricas formais: A impossibilidade terrível de distinguir entre ambos (deus e o diabo), e o adorar dialético, o “Diadorim” de ambos, é o tema fundamental da atividade criadora de Guimarães Rosa, como o é de todo espírito imerso em língua. A nova língua que jorra de Guimarães Rosa é uma diadoração que é um invocar, um provocar e um evocar do inarticulável. É portanto equívoca essa língua, e justamente por isso uma língua

²⁰ Vilém Flusser. “O mito em Guimarães Rosa”, sem data. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

²¹ Vilém Flusser. “A morte de Guimarães Rosa”, novembro de 1967. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

²² Idem.

fértil em possibilidades futuras²³.

Flusser sempre se interessou em publicar na Alemanha. Ele escreveu a primeira versão de *A História do Diabo* em alemão, idioma em que o livro seria editado somente em 1993, postumamente. O primeiro ensaio que publica na Alemanha é, não por coincidência, uma resenha de “Grande Sertão”, que saiu na Revista *Merkur*, em março de 1965, sob o título “Guimarães Rosa oder: Das große Hinterland des Geistes”²⁴ (Guimarães Rosa ou o grande interior do espírito).

Se é verdade que Flusser “abriu as portas” do *Estadão* para Rosa, também é verdade que Flusser se lançou na cena intelectual brasileira e europeia a partir da crítica a Rosa. No ensaio em questão, há vários pontos em comum com o supracitado “O Iapa”, inclusive trechos idênticos traduzidos por Flusser, mas o texto do periódico alemão contextualiza, principalmente nas páginas iniciais, a literatura de Rosa no âmbito da língua portuguesa e o próprio Rosa no âmbito da geopolítica brasileira. Ele se preocupa não apenas em criticar Rosa, mas em apresentar Rosa ao leitor alemão, já que, a partir do escritor brasileiro, anunciava ser possível elaborar uma nova ontologia.

Flusser sugere que o pacto com o diabo é, também, um pacto contra a língua. Hermógenes, rival de Riobaldo, é o intelecto ensimesmado, fechado hermeticamente sobre si mesmo. É o demo, contra o qual Riobaldo lança o desafio do nonada. O esforço de Riobaldo é anti-intelectual. É um violentar furioso da língua, porque a língua, sendo intelecto, é o demo. Mas Riobaldo, lembra Flusser, que qual rio se joga contra o intelecto, joga-se de balde, sendo também invadido pelo doce veneno da língua. Ele pretende usar a força diabólica da língua, pela qual é possuído, para exorcizá-la. Neste sentido, Diadorim é afirmar, ao mesmo tempo, o intelecto e a intuição, a língua e o silêncio. Essa dupla adoração, continua Flusser, esse Diadorim, é uma oração hermafrodítica, pois tem algo de Hermes e algo de Afrodite. Flusser, para quem Rosa era o Thomas Mann da literatura brasileira, enxergava em Diadorim também o Dr. Fausto:

Riobaldo, der sogennante Held des sogenannten Romans, ist zwar ein typischer brasiliannischer Räuberhäuptling, aber auch ein um den Glauben ringender Christ – und eine afrikanische Regengottheit, und Doktor Faustus, und im Grunde genommen das menschliche Dasein, das, aus dem Nichts in das Nichts geworfen, verzweifelt versucht, nicht zu verfallen. Und wer das Buch al sein Experiment des Geistes mit der Sprache versteht, wird auch zu deuten wissen, wer Diadorim ist, dieser strahlende Hermaphrodit, unter dessen Glanz Guimarães Rosa (und wir alle) leiden²⁵.

²³ Vilém Flusser. “O Iapa de Guimarães Rosa”. In: *O Estado de São Paulo*, 14 de dezembro de 1963.

²⁴ Vilém Flusser. “Guimarães Rosa oder: Das große Hinterland des Geistes”. In: *Merkur*, ano 19, n. 204, p. 294-297.

²⁵ Idem, p. 295. “Riobaldo, o chamado herói do chamado romance, é de fato um típico chefe ladrão brasileiro, mas também um cristão lutando com a fé - um deus da chuva africano, um doutor Fausto, e, essencialmente, uma existência humana, que jogada do nada ao nada, tenta desesperadamente não expirar. E quem toma o livro como

4.

Para Flusser, a vivacidade da língua de Rosa estava no esforço de articular o sertão e a biblioteca, no viajar com os vaqueiros para capturar palavras e formas, no dormir com os bezerros para captar os ruídos e as imagens brutais que tendem a se realizar na linguagem sertaneja. Rosa sorvia a plenitude das vogais e mastigava a dureza das consoantes para apalpar a matéria-prima da língua. Mas, concomitantemente, mergulhava em compêndios e manuais de gramática latina, húngara, sânscrita e outras para penetrar o tecido da língua e desvendar-lhe a estrutura: “E, tendo assim reunido a massa viva e palpitante da língua, põe-se a amassá-la com ambas as mãos para dar-lhe consistência e forma”²⁶.

Flusser se utiliza da imagem daquele que faz um pão para metaforizar o trato de Rosa com a língua²⁷. O romancista se entregava ao jogo teórico do plurilinguismo sem abdicar do trabalho prático e manual com as línguas, da luta corpo a corpo com a linguagem. A língua, para ambos, não era uma questão apenas teórica. O profundo interesse no estudo das várias línguas fundava-se na certeza de que a língua é a camada mais sólida, e mais instável, da realidade. Articular-se em múltiplas línguas era perder o próprio senso de realidade, mas era também poder experimentar realidades outrora inimagináveis.

A literatura de Rosa, para Flusser, era consistente, exatamente porque o autor de *Grande Sertão* lançava mão de todas as suas capacidades na luta contra a língua: “os sentidos, o sistema neuro-vegetativo, o intelecto, a sensibilidade, a intuição, o palpite, o espanto religioso”²⁸. A consistência de Rosa estava para além de um trabalho intelectual e sensível com o português, pois culminava na invenção de uma nova língua: “Surge, desse esforço inaudito, uma torrente de língua que é o português do futuro”²⁹.

Em “O estilo de Guimarães Rosa”³⁰, Flusser aproxima Rosa definitivamente do seu campo favorito de batalha, o da fenomenologia. E, em particular, o da sua fenomenologia. A “coisidade” que Rosa revelava não era a de uma coisa extralinguística, mas a da própria palavra. Afirmar a coisidade das palavras não significava dizer que as palavras eram as coisas. O truque aparentemente lúdico era, na realidade, um método fenomenológico, uma distância irônica, uma “*époque*” diante da palavra: “Pelo seu uso

um experimento da mente com a língua também saberá quem é Diadorim, aquele hermafrodita radiante sob cuja glória Guimarães Rosa (e todos nós) padecemos” [tradução minha].

²⁶ Vilém Flusser. “O Iapa de Guimarães Rosa”. In: *O Estado de São Paulo*, 14 de dezembro de 1963.

²⁷ Em carta não-datada, mas enviada a Flusser possivelmente no início dos anos 1960, Paulo Leminski, depois de falar de Guimarães Rosa, afirma que a filosofia de Flusser lhe gerava novo ânimo, já que se apresentava como algo consistente, que se poderia comer: “Pouco antes de conhecer-vos as concepções, eu estava realmente desiludido com tudo que era pensamento, “filosofia”, ideologia. Mas vossas concepções (que nome dar-lhes?) são algo “che si puo mangiare”, algo de sólido, que delimita o Real Ótimo (Linguagem) e não se perde em coisas como “o Ser”, o “Absoluto” e mesmo o vosso Nada é um Nada substancial, não adjetivo”. Carta de Paulo Leminski a Vilém Flusser, sem data. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

²⁸ Vilém Flusser. “O Iapa de Guimarães Rosa”. In: *O Estado de São Paulo*, 14 de dezembro de 1963.

²⁹ Idem.

³⁰ Vilém Flusser. “O estilo de Guimarães Rosa”. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

revolucionário da estrutura da frase, o autor consegue fazer resplandecer a palavra como que rejuvenescida, como que recém saída de seu húmus. E é este o significado das suas frases”³¹. Flusser, a fim de evitar as confusões que o conceito de “estilo” suscitava, definia o estilo de Guimarães Rosa, sinteticamente, como a “estrutura das suas frases”³².

5.

Na epistemologia de Flusser, as ciências não se distinguem pelos assuntos, mas pelos métodos. Por isso os seus ensaios versam sobre temas tão variados e o seu pensamento se coloca em oposição à especialização. As ciências variam segundo os modos como se aproximam dos problemas. Toda ciência pesquisa, procura e busca “algo”, mas não convém definir o “real” motivo dessa empreitada. “O que é um gen?”, “o que é um anti-proton?” e “o que é uma sublimação?” são perguntas não-científicas, conforme ele assinala em “Limites borrados”, publicado no *Estado*, em 19 de setembro de 1964³³. A dificuldade em caracterizar esse “algo” ou em classificar esse “sobre” não é defeito da ciência, mas resultado de nosso desespero ontológico.

A tese fundamental de Flusser é a de que, a partir do Renascimento, a humanidade ocidental deu preferência ontológica e epistemológica à ciência, e essa fé enganada é a razão do nosso desespero. Os modelos que nos informam, ou seja, os modelos através dos quais conhecemos o mundo, estão imbuídos dos modelos da ciência, por mais que a própria ciência, do final do século XIX em diante, tenha deixado evidente o seu aspecto pouco factível.

Em “Da flauta de Pã”, de 22 de fevereiro de 1964, ensaio que acompanha a publicação de “As garças”, ele reitera: “Dou graças ao deus das línguas que permitiu o fenômeno Guimarães Rosa, como que para provar de forma prática as minhas teorias”³⁴. Não há uma ciência que possa ser chamada de “natural” porque o conceito de natureza que este tipo de ciência postula é duvidoso. O pressuposto de Flusser é que a natureza se organiza de acordo com as regras da língua em que é articulada, e o mundo poderia ser inteiramente diverso se outros modelos estruturantes tivessem lhe servido de matéria-prima. Neste sentido, as garças, como elas de fato existem, não estão nos livros de biologia, mas no conto de Rosa: “A natureza das ciências naturais é uma abstração da natureza de contos como este, e as diversas espécies e gêneros da biologia são abstrações dos bichinhos se-mexentes”³⁵.

É na palavra “se-mexente”, por exemplo, que a naturalidade da garça se manifesta em sentido autêntico. A potência da literatura é exatamente esta: tornar imaginável o mundo em que vivemos. A literatura não

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Vilém Flusser. “Limites Borrados”. In: *O Estado de São Paulo*, 19 de setembro de 1964.

³⁴ Vilém Flusser. “Da flauta de Pã”. In: *O Estado de São Paulo*, 22 de fevereiro de 1964.

³⁵ Idem.

é apenas um ofício de observadores argutos, mas também, e principalmente, de manipulares hábeis de língua, a ponto de a garça “mundana” funcionar como um pretexto para a garça “literária”. A ironia não é distorcer o real, mas fazer notar que o real apenas se realiza no gesto da invenção: “Criticando a língua de Guimarães Rosa, estaremos fazendo “ciência natural” num sentido ontologicamente mais imediato que pelo sistema da física ou biologia”³⁶.

A ciência não é um caminho preferencial que conduz à “realidade”, mas uma das vias pelas quais avança o pensamento. A ciência, libertada da fé, se poderia desenvolver autenticamente. E a fé, libertada da ciência, se poderia lançar sobre o inarticulável e retomar o contato com a “realidade”, ligação esta que apenas a fé permite estabelecer plenamente. Novamente, o pedido de Flusser é que tenhamos fé na língua: “E uma ontologia intelectualmente aceitável deverá ser formulada, depois de rompida a ligação entre ciência e fé, em base do caráter linguístico do conhecimento, do qual o conhecimento científico é apenas um aspecto”³⁷.

O mesmo vale para a relação entre Rosa e o sertão³⁸. O sertão de que fala Rosa não está no mapa, nem preexiste ao autor de “Grande Sertão”, mas se encontra no espaço do existencialmente sobrevivível. Neste sentido, Rosa pode ser “regional”, pois fala do sertão mineiro, seu local de origem, mas regional em sentido inteiramente diverso ao “regionalismo” com o qual se debateram, negando ou afirmando, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Antônio Candido, Sérgio Sant’Anna, Eduardo Coutinho e outros. A humanidade primordial é sempre a origem daquele que fala e, sendo assim, Rosa é tão regional como o é Tolstoi, que faz dos campos russos o seu ponto de partida, e como o é Kafka, que toma as ruas estreitas de Praga como local de nascimento do mito. Segundo Flusser, o sertão não passa de pretexto para Rosa, tornando-se mais parente dos tipos de Kafka e Tolstoi do que da “gente mineira” ou da “realidade mineira”.

Tendo em vista esta premissa, o “nonada” torna-se uma articulação linguística (literária) e pouco científica do sertão. Em “Guimarães Rosa e a Geografia”³⁹, Flusser contrapõe, como o próprio título do ensaio indica, o sertão de Rosa, que não está no mapa, e o sertão da geografia, que aparece nas cartografias. O planalto, como Flusser também chama o sertão, não tem um ponto de culminância, um Monte Sinai, que revelaria o ser enquanto deus, mas tem “nonada”, a manifestação do ser enquanto diabo, que teima em ser e que aniquila.

O sertão é indescritível, isto é, não cabe na geografia. Ele despreza “soberanamente” toda dimensão

³⁶ Idem.

³⁷ Vilém Flusser. “Limites borrados”, In: *O Estado de São Paulo*, 19 de setembro de 1964.

³⁸ Parte dos argumentos que se seguem está presente em: Vilém Flusser. “Invenção narrativa em Guimarães Rosa”. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

³⁹ Vilém Flusser. “Guimarães Rosa e a Geografia”. In: *Comentário*, 1 de outubro de 1969.

humana. E descrever é atribuir dimensão humana ao mundo. A vivência do sertão é, neste sentido, a aniquilação do homem enquanto medida de todas as coisas, mais violenta, de acordo com Flusser, do que a sofrida na contemplação do céu estrelado. A vivência do planalto não é a experiência do vazio, mas do incomensurável. Um vazio é, em certa medida, um espaço sem nada, um oco, um buraco aberto no dentro, uma forma sem conteúdo. Um vazio é uma brecha num espaço delimitado. É um vazamento numa totalidade constituída. Um vazio é um espaço contornado. Mas um espaço sem nada não é um nonada. Este carrega um nada substantivo, como brinca Leminski, mas, de modo algum, um nada quantificável e apreensível. O que o sertão substantiva não é uma medida absoluta, mas a absoluta falta de medida. Ele não prova que o ser está vazio, mas impossibilita toda forma, segura, de ser:

A sua imensidão (no sentido de “falta de medida”) resulta em desorientação e vertigem, portanto em terror e exaltação desenraizadora. A *Masslosigkeit* (imensidão) resulta em *Bodenlosigkeit* (falta de fundamento). Não se pode habitar o sertão, no sentido de habituar-se a ele. O sertanejo, qual marinheiro, vive em situação exposta e sem fundamento, não mora. Viver assim é muito perigoso. Mas o marinheiro visa o porto como sentido da travessia, e o sertanejo atravessa sem sentido nem meta. As ondas do mar embalam o marinheiro com seu ritmo articulado enquanto as ondas paradas do sertão, as suas inarticuladas colinas, envolvem o sertanejo em monotonia imóvel. Um mar congelado, sem definição, um campo de ondas paradas (em sentido próximo ao sentido visado por esta expressão pela física da atualidade)⁴⁰.

Vinte anos depois da publicação do ensaio sobre o sertão, Flusser publica o *Vampyroteuthis Infernalis*⁴¹, em 1987, e repetirá textualmente, mas desta vez referindo-se ao fundo do oceano, “que não se pode habitar o abismo, no sentido de habituar-se a ele”. O *habitat* do polvo é inabitável ao homem, mas, se este não pode habitar o inabitável, pode tentar habituar-se ao inabitual. O sertanejo não mora, mas homem nenhum mora no mundo. O homem nunca está em casa, e é preciso sair de casa para conhecer o mundo.

Gustavo Bernardo recorda que os *cephalopoda*, como é o *vampyroteuthis*, “são animais-redemoinhos com respiração e locomoção sincronizadas”⁴². O diabo está no redemoinho – nonada e *vampyroteuthis*. Os redemoinhos se formam no sertão e no fundo do mar. As formas se formam na imensidão e no incomensurável. “A procura da melhor *deformação* é, por paradoxal que pareça, a procura da melhor forma: busca-se menos a forma do rosto do que a sua melhor sombra”⁴³.

Flusser explica que forma, em grego, é *morphé*, e belo, *morphéis*. A forma e a beleza são denominadas com

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Vilém Flusser. *Vampyroteuthis Infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.

⁴² Gustavo Bernardo. *A dúvida de Flusser*. São Paulo: Globo, 2002, p. 2002. Ver também: Rainer Guldin. “Fluss/er: Circle-Spiral-Cloud”. In: *Flusser Studies*, v. 15, maio de 2013.

⁴³ Idem, p. 86.

a mesma palavra: “Em português ainda se diz “formoso”. Uma bela ilha é Formosa”⁴⁴. Esta era a formosura da língua imaginada por Rosa e Flusser. Não a procura pela palavra que melhor descrevesse a vida, mas a articulação de uma estrutura de pensamento linguística que estivesse à altura da complexidade da vida. A palavra alemã *wirklichkeit*, traduzida usualmente como “realidade”, é, aponta Flusser, a tentativa de tradução do conceito latino *efficientia*, e não do termo *realitas*, pois o verbo *wirken* implica “levar a efeito”, “fazer ou ter efeito”. A palavra alemã para realidade, portanto, está muito mais próxima da efetividade. A vida não é, ela pode ser⁴⁵.

Referências bibliográficas:

Bernardo, Gustavo. *A dívida de Flusser*. São Paulo: Globo, 2002.

Flusser, Vilém. “A morte de Guimarães Rosa”, novembro de 1967. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Flusser, Vilém. *Vampyrotheuthis Infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.

Flusser, Vilém. “Invenção narrativa em Guimarães Rosa”. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Flusser, Vilém. “Guimarães Rosa e a Geografia”. In: *Comentário*, 1 de outubro de 1969.

Flusser, Vilém. “Limites borrados”. In: *O’Estado de São Paulo*, 19 de setembro de 1964.

Flusser, Vilém. “O estilo de Guimarães Rosa”. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Flusser, Vilém. “Da flauta de Pã”. In: *O’Estado de São Paulo*, 22 de fevereiro de 1964.

Flusser, Vilém. “O mito em Guimarães Rosa”, sem data. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Flusser, Vilém. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume.

Flusser, Vilém. “Em busca de significado”. In: *Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos. Volume 1*. Org.: LUDUSANS, Stanislavs. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 501-502.

Flusser, Vilém. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

Flusser, Vilém. “João Guimarães Rosa”. In: ____ *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

Flusser, Vilém. “O Iapa de Guimarães Rosa”. In: *O’Estado de São Paulo*, 14 de dezembro de 1963.

Flusser, Vilém. “Guimarães Rosa oder: Das große Hinterland des Geistes”. In: *Merkur*, ano 19, n. 204, p. 294-297.

⁴⁴ Vilém Flusser. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum*. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 83.

⁴⁵ Em conotação mais restrita, há, em alemão, a palavra *realität*.

Flusser, Vilém. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum*. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Guldin, Rainer. “Fluss/er: Circle-Spiral-Cloud”. In: *Flusser Studies*, v. 15, maio de 2013.

Hegenberg, Leônidas. “A propósito de “Língua e Realidade””. In: *O’Estado de São Paulo*, 12 de junho de 1965.

Marques, Oswaldino Ribeiro. “Introdução à semântica”, de Adam Schaff”. In: *O’Estado de São Paulo*, 23 de novembro de 1968.

Nancy, Jean-Luc. “Sprung”. In: ____ *Demanda: Literatura e Filosofia*. Trad.: João Camilo Penna. Florianópolis: UFSC; Chapecó: Argos, 2016, p. 349-351.

Rónai, Paulo. “Língua e Realidade”. In: *O’Estado de São Paulo*, 13 de abril de 1965.

Rosenfeld, Anatol. “Resenha bibliográfica”. In: *O’Estado de São Paulo*, 6 de junho de 1964.

Xavier, Lívio. “Um estudo do significado ontológico da língua (Revista Brasileira de Filosofia)”. In: *O’Estado de São Paulo*, 28 de julho de 1962.

Cartas

Carta de Vilém Flusser a Guimarães Rosa, de 28 de janeiro de 1964. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Carta de Paulo Leminski a Vilém Flusser, sem data. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Telegrama de Guimarães Rosa a Vilém Flusser. Sem data (Possivelmente 1964). Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Carta de Vilém Flusser a Heloisa Vilhena de Araújo, de 15 de março de 1973. Inédito. Vilém Flusser Archiv.

Carta de Heloisa Vilhena de Araújo a Vilém Flusser, de 28 de março de 1973. Inédito. Vilém Flusser Archiv.